



CRONOS, OU A CRÔNICA DE UMA LINDANOR CELINA EXTRAVIADA¹

Paulo Nunes

A autora conversa mais que escreve, usando de sua franqueza ou candura ao puxar os assuntos, com vivacidade – Dalcídio Jurandir

Lindanor Celina é provavelmente, entre as nossas escritoras contemporâneas, aquela que teve a recepção de sua obra extraviada. Sim, alguém poderá dizer, mas ela teve reconhecimento ainda em vida. O reconhecimento de sua literatura, penso eu, foi parcial. Trata-se de um caso em que fatores extraliterários (aqui refiro-me ao estado provinciano da sociedade belemense dos anos 60) interferiram no juízo da estética literária, de valores da obra literária, que pode, em linhas gerais, ser chamada de singular, única no cenário da literatura feita no Pará. Não se sabe ao certo, as pesquisas parecem insuficientes², o

¹ A primeira versão desta crônica foi escrita em 2003, em Belo Horizonte; ela foi reescrita para esta publicação da Sentidos da Cultura, da UEPA.

² Aqui não se pode deixar de lembrar os estudos de João Carlos Pereira, Amarílis Tupiassu, Joel Pereira, Maria das Neves Penha (SEDUC-PA), esta última em dissertação vibrante defendida no PPGL/UFPA, sob orientação de Joel Cardoso.

que moveu este sentimento de acanhada recepção da obra de parte de nossos leitores. Uma coisa é certa: faz-se necessário superar este equívoco. Para tanto, é louvável qualquer atitude que contribua para modificar este quadro, como esta edição da *Sentidos da Cultura*, revista da UEPA, está a fazer. Esta crônica emotiva, desprovida de teorias, pretende dar sua parcela de contribuição – pretensão minha? - para auxiliar no impulsionamento da leitura de Lindanor Celina. Ademais, num de nossos últimos encontros eu tinha dito à ela: Lindanor, te devo uma leitura interpretativa de *Diário da Ilha*. Gosto muito deste livro. Ao que ela, de pronto, respondeu, ainda está em tempo, escreve! Aí vai, com algum atraso...

#

Lindanor Celina, desde que a conheci, no início da década de 80 do século XX, reúne em torno de si uma aura de mistérios que pouco contribui para a leitura da sua literatura, mas alimentam o imaginário do leitor (onde nasceu exatamente? Qual sua idade? Deixou inéditos quando de seu falecimento em Paris?). De qualquer modo, Lindanor é insuficientemente estudada por nós; quando é estudada em nossas escolas, geralmente ela é lembrada tão somente como romancista. E é caso quase unânime dizer-se que a obra-prima da escritora bragantina é o seu primeiro romance. De fato, *Menina que vem de Itaiara* é livro diegeticamente simples e sedutor, daqueles que

“pega o leitor pelo pé”; seja ele o leitor universitário, seja o do nível fundamental. É fato que *Menina que vem de Itaiara* (Conquista, 1963) inicia uma trilogia da voz feminina, que prossegue com *Estradas do tempo-foi* (Editora JCM, 1969) e *Eram os seis assinalados* (Cejup, 1994). A inspiração matricial da trilogia vem do mestre do romance amazônico, referência de Lindanor, Dalcídio Jurandir, por quem a escritora, confessadamente, não escondia sua admiração. Certa vez, em conversa informal no bar-teatro Maracaibo, ela afirmou, em estilo taxativo: “Dalcídio, é grande, é gigante, um dos maiores da língua portuguesa, dos maiores...”. Ela não estava empolgada pelos favores etílicos (nunca a vi, nem nos restaurantes e bares que frequentamos, consumir bebida alcoólica), mas pela releitura que, então, ela fazia do romance *Marajó*. Pois bem, foi de Dalcídio Jurandir e a feitura de seu ‘romance rio’, com que o autor marajoara deslindou colocou em cena as aventuras e desventuras de Alfredo, que Lindanor se inspirou para criar Irene e suas outras máscaras narrativas. Matriz engendradora que gerou outras matrizes nos jogos de ressignificação mimética. Assim é que Alfredo está para Irene, assim como Dalcídio Jurandir está Lindanor Celina: criador e criatura?

#

Aproveito a oportunidade desta crônica, e deste modo não poderia deixar de lembrar o sucesso que os excertos de Celina

fizeram entre os alunos das escolas municipais de Belém, quando Josse Fares, Josebel Akel Fares, Rey Vinas e eu organizamos o livro didático *Texto e pretexto*, experiência de educação contextualizada..., adotado pela Secretaria Municipal de Educação de Belém, na década de 80 do século passado. Em uma de suas visitas a Belém, a autora de Afonso continuo, santo de altar (Nova Fronteira, 1986) nos falou de sua emoção quando fora, então, reconhecida pela lavadeira de um amigo. – *Meu texto? Como o conheceste?*, perguntou, um tanto surpresa, a romancista a sua interlocutora. – Na *Escola Ernestina Rodrigues!*, disse a trabalhadora. E, noutra oportunidade, a mulher trouxe o livrinho editado pela Prefeitura de Belém/SEMEC, em 1988, e pediu-lhe um autógrafo. Surpreendida, Lindanor percebeu que o reconhecimento a seu trabalho, a partir daquele episódio, viera de onde ela talvez menos esperasse, um livro didático despretensioso, mas honesto em sua proposta de emocionar e fazer circular a literatura de nossos autores mais célebres ...

Como dissera anteriormente, este breve texto deseja colaborar para diminuir a lacuna em torno da obra de Lindanor Celina. E se o faço agora apenas, o faço com certo remorso, pois deveria tê-lo feito muito antes de Lindanor Celina partir para “supramundo de Itaiara”. Assim convoquei o Gutemberg Guerra, nosso amigo comum, que, então, me socorreu com o seu exemplar de *Diário da Ilha* (Cejup: Belém, 1992), enviando-o para minha releitura, visto que o meu livro havia sumido.

Deste modo, o leitor já percebeu que desejo debruçar-me não sobre um romance, mas sobre um livro de crônicas, o que torna a minha tarefa um tanto espinhosa, pois, sabemos nós, que alguns fazem reserva com a crônica, restringindo seu alcance literário, assunto, por sinal, tratado por Adelino Brandão no prefácio da primeira edição do livro referido.

Diário da Ilha é um livro provocativo, que se questiona a si próprio na medida em que sua forma tem uma configuração híbrida. Proposto para acontecer como um diário de viagem, ele, no entanto, formatação entregue ao leitor, se faz como crônica, narrada no melhor estilo de quem aprendeu a manipular as palavras entre o lírico e o jornalismo narrativo. As crônicas deste livro têm dicção própria, forma híbrida, e são formatadas de modo diferente que hoje a crônica adotou: curta, ligeira, mais rápida, para se ler num piscar de olhos.

E este *Diário da Ilha* é literatura do melhor apuro de criação, porque nele encontramos não somente os registros líricos da escritora-viajante (não mais os seus iniciais espantos) mas, sobretudo, um amadurecimento no uso dos discursos, bem como a exploração de outros elementos que tornam este livro uma manifestação do contemporâneo, sobretudo o jogo com a memória que viaja em diversos espaços – o Brasil e a Grécia. Percebe-se também a intimidade da escritora diante de sentimentos universais, tais como o tema do tempo e o recurso da metalinguagem: aspectos destacados desta obra. Arrisco-me ainda mais

ao afirmar que quem deseja conhecer de modo mais acurado o percurso criativo da autora, deve passar, cuidadosamente, por este livro, que até agora constitui um discreto capítulo da trajetória literária da escritora paraense, muito pouco notado pela crítica.

Vejamos as inquietações criativas, suas reflexões diante do ofício de escritora, encontram acolhida como uma das temáticas neste *Diário da ilha*, como se percebe no excerto:

Não sei o que vale este ‘disque’ diário. Prometi mantê-lo, faço-o (...) posso rasgá-lo ou metê-lo numa gaveta, com outros papéis que um dia irão direto ao lixo. Ou quem sabe um amigo da marca João-Carlos-Estudioso, os apanhará na esperança de achar nele um fio (...) O diário é também – descubro-o agora – um meio não desprezível de praticar-se a disciplina, tão necessária a um escritor (LC, 1992, p.107).

#

Esta coletânea de crônicas faz-se à semelhança de uma Uróboro, serpente que morde sua própria cauda. Pode-se afirmar que meu roteiro de leitura de *Diário da Ilha* é concretizado como formato circular. Ele inicia-se e encerra com referências à terra natal da cronista que trafegou pela Europa, desde que ela se fixou na França e teve alguns de seus textos editados fora do Brasil. A crônica primeira do livro, datada de 1975, começa citando o Pará (“Mamãe chegando ao Ajuruteua”) e a última, de 1987, encerra igualmente com uma referência a uma manifestação de seu estado natal: o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. De 1975 a 1987, os

registros emotivos fluem num remanso de baixa-mar. As venturas e desventuras greco-skyrianas de Lindanor e Serge Casha, o marido francês, são narradas com a habilidade de uma linguagem que escapa ao registro meramente denotativo e dilui-se no emotivo discurso da *recordis* (etimologicamente, “de volta ao coração”) lírica.

Lembro aqui, para confirmar esta argumentação, uma fala da própria escritora quando, pela última vez, em meados da década de 90, ela esteve no curso de Letras da Universidade da Amazônia, em Belém, convidada por mim, Josse e Célia Jacob: “A crônica é a fina flor do jornalismo”. De fato, enquanto foi possível, Lindanor, semanalmente, até os anos 90, regava suas finas flores no jornal “A Província do Pará”. E a poética caracterização desta categoria narrativa, a que a autora aludiu, encontra eco neste livro. Os textos presentes no *Diário da ilha*, embora publicados inicialmente em jornal, têm substrato suficiente para serem considerados literatura. E ao ganhar outra formatação, transferindo-se do jornal para o livro, os textos, feito um Prometeu acorrentado pela transitoriedade, ressignificam-se e mudam de forma e feição; eles inscrevem-se na perenidade. A enunciação das crônicas de Lindanor – os títulos são de beleza inegável – aponta para isso, na medida em que é empregada uma linguagem refinada, por vezes quase cerimoniosa, à lusitana, mas que, em certa altura, é atravessada, instantaneamente,

pelo falar caboclo. Simbiose que transpira originalidade? Hibridação enunciativa.

De fatos corriqueiros, “de notícias e não notícias”, Lindanor Celina extrapola para uma reflexão sobre a existência, um quase existencialismo tropicalizado, ela que foi contemporânea de Simone e Jean-Paul Sartre e soube explorar aquilo que a filosofia sartreana deixou de mais frutífero. A crônica “E havia um cego” é exemplar:

(...) o moço é cego. É e com as mãos ele enxerga (...) O jovem alemão, com a sua desvantagem: o estar nesta ilha [Skyros] e não presenciar os azuis, o céu e o mar (...) Ou sua felicidade mora nele mesmo, tem nascente nas próprias fontes de seu ser (LC, 1992, p.101).

Como se pode perceber, a cronista descortina diante de nós a necessidade de valorizarmos “as pequenas felicidades certas” de que falava Cecília Meireles, o corriqueiro, o simples é supremamente valorizado pela experiência da cronista, que registra os fatos da vida com escrita pulsante.

Outro atrativo que dá um sabor especial a este livro de crônicas é a força descritiva dos textos. Como é desejável em toda ‘literatura de viagens’, a descrição fotografa o ambiente que rodeia a cronista. A descrição neste tipo de literatura, penso eu, é uma estratégia de escrita, no mínimo, perigosa, pois ela não pode ser exageradamente explícita, o que acarretaria numa indução que sufocaria o leitor, que, assim, se veria sem chances de imaginar o que foi descrito. E a cronista paraense sabe descrever, evitando exageros

adjetivosos. Ela, entre os paradisíacos cenários gregos, é “pintora” de paisagens. E, desconfio, apenas desconfio, que seu “hobby” de pintora constituía uma espécie de exercício prévio, preparatório, para o descritivismo que ela passou a desenvolver em sua escrita literária. Entre telas e aquarelas, Celina exercitou seu olhar viajante para transfundir imagens visuais em palavras. O que há de excessivo fica na tela; no papel perpetua-se o essencial.

O que também chama a atenção neste livro de crônicas (confesso que não sinto a mesma emoção diante de *A viajante e seus espantos*) é a ponte que se estabelece entre Brasil (Pará) e Grécia, entre Bragança e Skyros. Todos temos, talvez por exercício de referencialidade, uma tendência quase instintiva de olhar o espaço do outro a partir do nosso. Daí decorrem comparações curiosas, mas improváveis. É o que acontece no *Diário da ilha*. O olhar da viajante, fascinado com as cenas de Skyros, é suspenso por divagações que remetem à infância da autora, em Bragança (ou mesmo em Belém, a capital). Alguém já disse que a poesia é a infância reinventada. Sim reinvenções que a literatura permite.

Em certa passagem, ao falar da ilha grega, a cronista afirma:

A aldeiazinha é constituída por uma sinuosa ladeira principal, bordada de residências coloridas, com quintais verdejantes e perfumosos (...) numa bonita desordem, dalias, cravos, jasmims, ah os jasmims da infância (de Bragança e certos bairros de Belém) (LC, 1992, p. 53).

E em outra crônica, a infância recordada é assumida com um discurso que retoma o mito

da infância feliz dos poetas românticos, de quem a Lindanor, professora de Literatura, era leitora:

O céu, o sol, os jasmins, as gardêneas (na minha terra chamavam-se ‘general’), o sabor de certos peixes, tudo não é a infância extraviada? Talvez por isso o meu tamanho apego à Grécia. (p. 59).

Pensa-se que este ir e vir, este transportar-se do passado ao presente, em instigantes jogos espaço temporais, do Brasil à Grécia, do ontem e do hoje, configura um exercício de alteridade, uma espécie de “ressemantização geográfica de afetos”: eu reconheço o outro que está em mim. Ao percebê-lo, o leitor inscreveria sua leitura nas intrincadas malhas do multicultural/multiculturalismo. Ao tratar desta linha de pensamento, tão cara aos estudos pós-coloniais, não é demais lembrar-se Stuart Hall (2003) para nos iluminar os caminhos. Hall, ao tratar da questão do multicultural/multiculturalismo, nos esclarece que “multicultural é um termo qualificativo”, em contrapartida ao termo “multiculturalismo [que] é substantivo, [e] refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais”. É de se afirmar, então, que, dentre outras virtudes, percebe-se nesta coletânea de crônicas de Lindanor uma forte dose de ‘ser multicultural’. Multiculturalidade que ela, como forma de enfrentar as lacunas, engrenda no seu território afetivo (misto de lá e cá, de Grécia e Brasil) a síntese baseada nos diálogos multi e

interculturais. E é cronista quem, de imediato, ao flagrar uma reunião grega em torno da mesa, é arremetida a seu passado, a recordação que lhe é cara, pois submerge de seu baú de lembranças em um almoço do Círio de Nazaré. E nestas aproximações entre gregos e brasileiros, a voz narrativa vaticina sobre as “diferenças iguais” da humanidade: “No mais, a gente do mundo é toda igual...”

Aqueles que desejam mergulhar neste livro a pretexto de navegar águas atlânticas da leitura psicanalítica, podem fazê-lo a partir de duas recorrências: as febres e os sonhos, que insistentemente se veem recorrentes nas crônicas de Lindanor Celina. Os sonhos mereceriam uma leitura à luz de Freud e seu “A interpretação dos sonhos”, coisa que obviamente não é possível fazer aqui.

Finalmente é preciso que se redescubra Lindanor Celina. Para tanto, faz-se necessário que sua obra seja republicada, com apuro e cuidado editoriais (coisa que nem sempre é feita! As últimas edições de Lindanor por uma casa editorial de Belém são sofríveis, tem capas “medonhas”, para usar-se uma expressão que ela tanto gostava de empregar). É também primordial que nosso olhar seja conduzido exclusivamente para o texto literário, afinal nos bastidores do provincianismo, já foi dito, a escritora foi julgada e condenada ao ostracismo. As faculdades de Letras têm responsabilidade de reverter este quadro, ainda é tempo. No mais, não custará abrimos as páginas do livro (se você encontrar um sebo que tenha-o para a venda) e caminhar no trem

das estradas do tempo foi, carregando ao colo um exemplar do *Diário da ilha*, onde talvez se pudesse imaginar uma voz de um fantasma saudoso a balbuciar: “Ó trem ó trem, me leva pra Belém. Ó trem ó trem, me leva pra Belém. Ó trem...”

Belém do Pará, Brasil, outubro de 2017.

Dados sobre o autor

Doutor em Letras (PUC/2007), mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária (UFPA1998) e doutorado. Professor titular da Universidade da Amazônia, atua na graduação em Letras, mestrado e doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura. Participa da coordenação do Grupo de Estudos interinstitucionais Narramazônia: narrativas contemporâneas da Amazônia Paraense (UNAMA/UFPA), do Projeto de Pesquisa Academia do Peixe Frito: interfaces jornalismo e literatura (UNAMA/UFPA), do Projeto de pesquisa interinstitucional Epístolas Poéticas entre o romancista Dalcídio Jurandir e Maria de Belém Menezes (CUMA-UEPA e UNAMA).